

**LUGAR, IDENTIDADE E IMAGINÁRIO:
O UNIVERSO DOS DEVOTOS DE SÃO BENEDITO EM
CUIABÁ-MT**

**PLACE, IDENTITY AND IMAGINATION:
THE UNIVERSE OF THE DEVOTEES OF SAINT
BENEDITO IN CUIABÁ-MT**

**LIEU, L'IDENTITÉ ET L'IMAGINAIRE:
L'UNIVERS DES DEVOUÉS DE SAINT BENEDITO À
CUIABÁ-MT**

MARCOS AMARAL MENDES

Professor efetivo da rede de ensino do Estado de Mato Grosso
Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso
(UFMT)

Rua Lourival Hugueney, 66, bairro Coophema

CEP: 78085-105, Cuiabá-MT

E-mail: marcoscuiaba@terra.com.br

RESUMO

O artigo objetiva identificar e analisar os elementos que dão suporte a uma identidade entre os devotos de São Benedito que frequentam a Igreja do Rosário em Cuiabá, relacionando-a ao lugar. A partir de uma experiência de observação participante e entrevistas semiestruturadas, são tecidas considerações acerca da realidade material e simbólica que caracterizam a afirmação e o reconhecimento. Constatou-se que o vínculo identitário é orientado a partir de uma visão de mundo específica, sendo o culto ao santo e as manifestações dele resultantes, assumidas por muitos dos habitantes da cidade como parte de suas vivências cotidianas.

Palavras-chave: Devoção a São Benedito – Igreja do Rosário – Lugar – Identidade

ABSTRACT

This article aims to identify and analyze the elements which provide a basis for an identity among the devotees of Saint Benedito who attend the church of Rosario in Cuiaba, linking this identify to the



place of worship. From an experience of participant observation and semi-structured interviews, conclusions can be drawn relating to the material and symbolic realities which characterize the affirmation and recognition of the Saint. The results showed that the link of identity derives from a specific worldview given that the cult of the Saint and the resulting manifestation of worship and practiced by many inhabitants of the city as part of their daily lives.

Keywords: Devotion of Saint Benedito – Church of Rosario – Place – Identity

RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est d'identifier et d'analyser les éléments qui soutiennent une identité parmi les dévoués de Saint Benedito qui fréquentent l'Église du Rosário à Cuiabá, en la mettant en relation avec le lieu. À partir d'une expérience d'observation participante et des interviews semi-structurés, sont élaborées considérations sur la réalité matérielle et symbolique qui caractérisent l'affirmation et la reconnaissance. Nous avons constaté que l'engagement identitaire est orientée par rapport à une vision du monde spécifique où le culte au Saint et ses manifestations résultantes sont considérées par beaucoup d'habitants de la ville comme partie de leurs pratiques quotidiennes.

Mots-clés: Dévouement à Saint Benedito – L'Église du Rosário – Lieu – L'Identité

I INTRODUÇÃO

Na cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, é possível identificar diversos espaços, sagrados ou não, dotados de uma forte carga simbólica, estabelecidos por meio de práticas sociais e culturais. Entre esses espaços, destaca-se a Igreja do Rosário, cuja construção remonta aos meados do século XVIII, provavelmente entre a passagem dos anos 1740 para os de 1750. Na época de sua construção havia na pequena vila a Igreja do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, templo transformado em Matriz e que abrigava a imagem do padroeiro que a cidade invocou, e a Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, ambas já demolidas para a construção de templos hodiernos.

Tida como território de negros, por abrigar as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, constituída por cativos



e libertos, desde os seus primórdios a Igreja do Rosário assumiu o papel de local privilegiado para o culto a São Benedito na área urbana de Cuiabá, uma vez que essa devoção acabou suplantando a do oragomor do templo, e do próprio padroeiro da localidade. Dessa forma, embora ocupando uma capela lateral ao templo de Nossa Senhora do Rosário como hóspede da confraria homônima, a Irmandade de São Benedito, por meio de diversas ações e práticas, acabou estabelecendo uma territorialização sobre a Igreja do Rosário, de forma que, com o passar do tempo, ela passou a ser referenciada pelos cuiabanos como sendo de São Benedito, o que permanece até os dias de hoje.

Nesse sentido, compreende-se que a Igreja do Rosário constitui o lócus da vivência para o grupo de devotos de São Benedito, que criou vínculos com este lugar tornando-o ponto de referência para suas crenças e práticas religiosas. Em todas as terças-feiras acontece a missa em honra ao santo, que é oficiada em dois horários: 5h00 e 19h00, embora a celebração da madrugada seja a mais tradicional, realizada pelo menos desde 1848, segundo informam as fontes documentais pesquisadas. E, no primeiro domingo do mês de julho, a Igreja do Rosário torna-se palco da Festa de São Benedito, cujas celebrações religiosas e profanas apresentam o alcance de ser a principal e mais concorrida da cidade.

Sendo esta manifestação do sagrado uma importante referência no modo de ser e de viver dos cuiabanos, o objetivo desse artigo, uma síntese de parte do terceiro capítulo da Dissertação de Mestrado intitulada *Identidade e território: estudo sobre a devoção a São Benedito em Cuiabá – Mato Grosso*, defendida pelo autor em dezembro de 2010 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), busca identificar e analisar os elementos que dão suporte a uma identidade entre os devotos de São Benedito, relacionando-a ao lugar onde essa devoção se materializou no imaginário e na vivência dos cuiabanos: a Igreja do Rosário.

II LUGAR E IDENTIDADE

Numa abordagem cultural em Geografia, o lugar é valorizado como um produto da vivência humana, uma vez que sua essência “é a de ser o centro das ações e das intenções, onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência” (RELPH *apud* HOLZER, 1999, p. 72). Para o autor citado, os referenciais afetivos



que os indivíduos desenvolvem com o seu lugar, no entanto, só ocorrem porque os lugares são essencialmente focos de intenção, sendo criados para que sirvam melhor às necessidades da humanidade, adquirindo uma personalidade e um sentido.

Para Tuan (1983) o lugar representa um receptáculo de lembranças e permanências carregadas e vivenciadas pelo homem; é um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram a vivência do presente. De acordo com o autor, o tempo é importante para se conhecer ou afeiçoar-se a um lugar. Sendo assim, além de expressar um laço afetivo entre o indivíduo e o ambiente, o lugar é dotado de historicidade e significados, que se diferenciam em modos de expressão.

Em seu estudo sobre a temática, Holzer propõe

que se defina o lugar sempre como um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despidido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual a palavra "lugar" é, no mínimo, inadequada (HOLZER, 1999, p. 76).

A vivência do lugar deve ser compreendida, no entendimento de Saquet

como um *contexto*, mediação entre o *particular* e o *universal* e como componente de nosso sentido de identidade; como território e territorialidade construídos histórica e geograficamente, pela relação efetivada entre os sujeitos e destes com o ambiente da vida cotidiana. Nesse sentido, podemos afirmar que é no lugar que os processos se efetivam, através do *acontecer* (SAQUET, 2007, p. 109, grifos do autor).

Na trajetória da espécie humana pela Terra, constata-se que o conceito de lugar está diretamente associado à idéia de reprodução de um determinado grupo social, constituindo uma estrutura importante na formação da identidade desse grupo. Sob este prisma de estudo da Geografia,



Os geógrafos se interessam particularmente pela identidade dos lugares e pelos papéis que eles desempenham na formação de consciências individuais e coletivas. Observam como as pessoas, sujeitos e agentes geográficos recebem e percebem, constroem e reivindicam identidades cristalizadas em suas representações dos lugares e das relações espaciais (LE BOSSÉ, 2004, p. 158).

Nos estudos empreendidos por Le Bossé (2004), o lugar apresenta-se como suporte essencial na construção da identidade. Seus referenciais são estabelecidos a partir de subjetividades individuais e coletivas. Nesse sentido, para este geógrafo,

A identidade é uma construção social e histórica do “próprio” [do *soi*, do *self*] e do “outro”, entidades que, longe de serem congeladas em uma permanência “essencial”, estão constante e reciprocamente engajadas e negociadas em relações de poder, de troca ou de confrontação, mais ou menos disputáveis e disputadas, que variam no tempo e no espaço (LE BOSSÉ, 2004, p. 163).

Na visão de Castells (2006) a identidade é uma forma de distinção entre o eu e o outro, e que os atores sociais dão significado às suas ações a partir de um ou mais atributos culturais que prevalecem no processo de construção das identidades. O autor também parte da premissa de que toda identidade é uma construção social e o que o pesquisador deve investigar é como, a partir de quê, por quem e para quê ela é construída. Nos meandros desse processo,

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados e sua estrutura social, bem como em



sua visão de tempo/espaço (CASTELLS, 2006, p. 23).

Se a identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2006, p. 22), um primeiro elemento que materializa a identidade dos devotos de São Benedito é a própria devoção ao santo. A prática devocional é um elemento central na afirmação da identidade do grupo, definidor de sua identidade religiosa. Tanto que ao se entrevistá-los, eles se autodenominaram “devotos de São Benedito”, ou seja, essa expressão designa seu modo de vida, sua forma particular de viver a religião. Ser devoto de São Benedito “confere segurança e o sentimento de pertencer a um grupo” (ROSENDAHL, 1999a, p. 68). Nesse sentido, “a fé é individualmente vivenciada de forma diversa, numa relação direta entre uma só divindade e o crente; a experiência religiosa coletiva se torna partilhada quando as crenças, as atitudes e as interpretações simbólicas adquirem uma forma comunitária” (ROSENDAHL, 2003, p. 194).

Se a essência de um lugar é o sentimento de pertencimento de sua população, na afirmação da identidade dos devotos de São Benedito, a Igreja do Rosário, como uma forma simbólica que representa e reafirma a devoção para com o santo, constitui uma referência importante na vivência e na reprodução do grupo, bem como no estabelecimento de redes de sociabilidade, dando a esta a dimensão de lugar. Essa constatação é reforçada por Corrêa, para quem

As formas simbólicas espaciais constituem importantes elementos no processo de criação e manutenção da identidade, seja étnica, racial, religiosa ou nacional, seja ainda a identidade de um lugar. Constituem elas geossímbolos, marcas identitárias que individualizam uma certa porção do espaço ou um grupo humano (CORRÊA, 2007, p. 11).

Referendando que a vivência da fé e da identidade do devoto de São Benedito adquire uma forma mais concreta e perceptível na dimensão do lugar em que a devoção é materializada, Rosendahl destaca que



A comunidade religiosa vivencia o lugar a sua maneira, de forma a constituir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças. A experiência da fé, em termos geográficos, deve ser explorada no lugar em que ela ocorre. Este lugar está impregnado de simbolismo e não foi meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por uma comunidade religiosa (ROSENDAHL, 2008, p. 7).

A noção de pertencimento que têm os devotos para com o lugar pode ser constatada no processo de transformação do nome do orago da igreja, ocorrido na mentalidade dos devotos, em função do forte vínculo identitário que estes passaram a ter com o lugar. Uma vez que o orago alude à necessidade de proteção espiritual, seu nome, muitas vezes, acaba sendo materializado na denominação do templo ou da paróquia. Ocorre que na cidade de Cuiabá o culto a Nossa Senhora do Rosário é menos procurado que o de São Benedito, o que torna a escolha do nome do templo bastante significativo, uma vez que uma devoção suplantou outra.

O sentimento de pertencimento evidencia-se na valorização e referência frequente da igreja pelos devotos, bem como na identificação dos mesmos com o lugar. Para o devoto de São Benedito, contar a história da Igreja do Rosário é contar a história de suas próprias vidas:

Acho que desde o nascimento que eu frequento aqui, porque eu nasci e me criei aqui na Rua de São Benedito, sempre morando na Rua de São Benedito. Fui batizada aqui, crismada, fiz a primeira comunhão. Só não casei porque na época do meu casamento, em 1973, ela foi tombada como patrimônio histórico e estava toda em reforma (Benedita Duarte de Souza, a Sinhá, 74 anos).

Eu não sou cuiabano, mas sou criado em Cuiabá. Quando eu cheguei aqui em 1948, a Igreja de São Benedito foi a primeira igreja que eu frequentei, e



aqui eu fiz a minha primeira comunhão, fui coroinha, e aqui me acostumei, e fiquei devoto de São Benedito até os dias de hoje (João Félix do Nascimento, 69 anos).

Como é possível perceber nas falas reproduzidas acima, os devotos acabam estabelecendo um forte vínculo cultural, social, espacial e histórico com o lugar, através da vivência e do pertencimento. Nesse contexto, Rosendahl esclarece que

O espaço sagrado possui uma relação íntima com o grupo religioso que o frequenta. As imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva, porque cada aspecto, cada detalhe desse lugar possui um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, pois todas as partes do espaço que ele ocupa correspondem a um certo número de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade (ROSENDAHL, 2002, p. 34).

O apego dos devotos ao lugar pode ser aferido pelo vínculo que estes continuam mantendo com a igreja mesmo quando se mudam para bairros considerados mais distantes, uma vez que a Igreja do Rosário se localiza no centro da cidade e a maioria dos devotos não mora nas proximidades do templo. Nesse sentido, Corrêa afirma que as formas simbólicas podem ser entendidas nas suas espacialidades quando constituídas por fixos e fluxos. Nas palavras do autor:

As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, apresentando, portanto, os atributos primeiros da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, obeliscos, estátuas, monumentos em geral, shoppings centers, nomes de logradouros públicos, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros, são exemplos correntes de formas simbólicas espaciais (CORRÊA, 2007, p. 8-9).



A Igreja do Rosário, como centro de convergência religiosa, constituiu, portanto, um fixo, induzindo o movimento de devotos de vários pontos da cidade, os fluxos, atraindo-os pela sua forte carga simbólica, uma vez que o templo é referência importante na vivência de sua devoção. Dessa forma, o movimento de devotos acaba assumindo um nítido caráter geográfico, uma vez que envolve espacialidade e deslocamento. Essa mobilidade apresenta uma motivação transcendente, e ocorre com mais intensidade no tempo sagrado. Uma vez que “a singularidade do tempo sagrado relaciona-se diretamente à história da produção do espaço sagrado de cada santuário” (ROSENDAHL, 1999b, p. 103), observa-se que o tempo sagrado na Igreja do Rosário para os devotos ocorre em todas as terças-feiras, dia da semana em que é oficiada a missa dedicada ao santo, e na Festa de São Benedito.

Por outro lado, o ser devoto de São Benedito é considerado uma importante referência na constituição do modo de ser e de viver do cuiabano, especialmente daqueles que se definem como *cuiabanos de tchapa e cruz*¹. A devoção a São Benedito é sempre destacada como um símbolo da cidade de Cuiabá, uma expressão da identidade de seus habitantes. Nas músicas com temática regional que decantam o sentimento de pertencimento são enumerados os traços que caracterizam o jeito de ser dos cuiabanos: o tomar licor de pequi, comer cabeça de pacu, dançar rasqueado e ser devoto de São Benedito. Essa é a representação transmitida na música *Rasqueado do pau rodado*, composta por Pescuma e Pineto (RANGEL e ROCHA, 2009, p. 52, grifos nossos):

Não aguento mais ser chamado de pau rodado
 Já tomo licor de pequi, já danço o Siriri
 Como bagre ensopado
Sou devoto de São Benedito
 Até já danço o rasqueado
Sou devoto de São Benedito
 Até já danço o rasqueado
 Adoro banho de rio, vou direto pra Chapada
 Na noite cuiabana tomo todas bem gelada
 Sou viciado no bozó, pescaria e cururu

¹ Expressão regional utilizada para designar “quem nasceu em Cuiabá e dela não pretende sair, preservando seu sotaque, tradições e valores” (MENDES, 2008, p. 38).



Tomo pinga com amargo
Como cabeça de pacu
Eá, Eá, Eá, só não nasci em Cuiabá
Mas no que eu cresci
Meu Bom Jesus mandou buscar.

Não são apenas as músicas que remetem a um sentimento de pertencimento ao lugar, de evocação das raízes simbólicas do cuiabano. A construção de uma identidade regional atrelada à devoção ao santo também é forjada na denominação dos lugares existentes na cidade, revelando a intrínseca ligação entre a religião e a análise geográfica. Entre outros, levantou-se que o nome do santo é espacializado no Bairro São Benedito, localizado na região oeste, e em duas ruas: uma no Bairro Coophamil e outra que passa nos fundos da Igreja do Rosário, e que cruza os bairros Baú, Lixeira e Areão. A toponímia do santo também aparece em vários estabelecimentos comerciais e em escolas, revelando que “nomear um dado local constitui uma forma de apropriação do espaço, impregnando-o de significado associado ao nome” (CORRÊA, 2007, p. 11).

Outro aspecto que caracteriza a identidade do grupo é a rede de sociabilidade estabelecida entre os devotos, em muito proporcionada pela Igreja do Rosário, demonstrando que além do vínculo afetivo ao lugar, ele também o é para com as pessoas. A igreja é a estrutura fundamental da socialização entre os devotos de São Benedito, sustentáculo da produção e reprodução de sua identidade. Confirmando essa análise, constata-se que é na Igreja do Rosário que os devotos se encontram: nas missas, procissões, festas e acontecimentos relacionados ao santo padroeiro. No ato de participar dos rituais nela desenvolvidos, nos eventos por ela promovidos, na maneira como uns se referem aos outros, ou seja, no pertencer àquela igreja, são criados laços de amizade e até de compadrio, por meio de batizados, crismas e casamentos. Com isso são ampliadas as relações de parentesco e fortalecidos os vínculos entre as famílias, sob as bênçãos do orago que cultuam.

Na Igreja do Rosário a sociabilidade tecida no modo de viver dos devotos também pode ser aferida pela forma como as ações são conduzidas: elas sempre procuram envolver a coletividade, uma vez que se encontram inseridas numa ampla rede de práticas devocionais que expressam as marcas e a identidade do grupo. A celebração litúrgica, por exemplo, é preparada e realizada por equipes



constituídas por devotos. Cada um assume um papel na celebração: anotar as intenções da missa, cantar no coral, realizar as leituras, recolher as coletas no ofertório, repassar os recados no final da missa, conduzir a Oração de São Benedito, entre outros.

A convivência mútua também pressupõe que os problemas coletivos sejam pensados e resolvidos coletivamente. A Comissão da Festa de São Benedito, por exemplo, logo após a tomada de posse, na última terça-feira do mês de julho, começa a se reunir constantemente com o objetivo de planejar os eventos que serão desenvolvidos ao longo do ano, bem como a realização da próxima festividade. Ressalta-se, no entanto, que a convivência, mesmo que pautada na solidariedade e no respeito mútuo, não está isenta de conflitos, o que pode desencadear disputas acerca de direitos que acabam gerando tensões, uma vez que nesse lugar se projetam relações de poder e essas trazem embutidas em si próprias o espaço da resistência.

Ao reconhecer que a convivência humana é fonte potencial de conflitos, Castro (1997, p. 162) afirma que “o processo de socialização ao mesmo tempo em que diferencia a espécie humana dos animais, estabelece as condições para a liberação das pulsões mais caracteristicamente humanas, que vão desde a afetividade e generosidade até o ódio, inveja e ambição”. Nesse sentido, constatou-se que a convivência entre os devotos, muitas vezes, é marcada por situações ambíguas que ora se definem pelo acolhimento, solidariedade e reciprocidade, ora por conflitos surgidos nas formas de negociação da participação de cada um nos encargos a eles atribuídos, além dos resultantes da exposição da intimidade e da privacidade ocorridos nos relacionamentos cotidianos. Entretanto, mesmo quando conflitantes, a vivência comunitária devocional pressupõe contatos de enriquecimento mútuo.

Os laços de identidade do grupo também podem ser evidenciados na forma com a qual os devotos partilham e se relacionam com a paisagem do lugar. Como parte componente do lugar, a paisagem é percebida pelo devoto como uma relação de pertencimento; daí os laços afetivos para com este lugar terem criado um senso de responsabilidade que mobilizou a ação coletiva no processo que viabilizou o tombamento da Igreja do Rosário por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1975, e da Fundação Cultural de Mato Grosso em 1987 (SILVA, 2006). Nesse sentido, infere-se que a paisagem do lugar está carregada



de lembranças históricas, na qual o devoto de São Benedito se orienta. Ela é uma das matrizes da cultura do grupo, além de ser o local no qual este grava sua marca (BERQUE, 1998).

As religiões se fazem visíveis na paisagem utilizando-se de um simbolismo que demarca espaços, traduzindo crenças e valores de seus grupos religiosos. A paisagem religiosa expressada através de formas arquitetônicas e de símbolos sagrados “é uma estrutura visível, na qual a mensagem que nela se escreve em termos geossimbólicos reflete o peso do sonho, das crenças dos homens e de sua busca de significação” (ROSENDAHL, 2003, p. 215). “As formas sagradas na paisagem cristã são as igrejas”, pois “a frequência a um serviço coletivo de culto é extremamente importante no cristianismo, em contraste com outras religiões nas quais há menor necessidade de um lugar santificado para o culto” (ROSENDAHL, 1997, p. 128). Dessa forma, entende-se que ao interpretar as paisagens modeladas pelo sagrado no lugar em que é materializada a devoção a São Benedito, pode-se reconhecer as crenças e as identidades culturais do grupo que as criou.

III O IMAGINÁRIO EM TORNO DO LUGAR

Diante das questões apresentadas até aqui, é possível inferir que a identidade dos devotos é forjada na própria experiência da convivência, na historicidade e na geograficidade do lugar. São as paisagens, os objetos e as relações pessoais que compõem um universo conhecido, partilhado e identitário. Entretanto, enquanto espaço apropriado, a identidade do grupo também pode ser evidenciada através do imaginário construído em torno do lugar. Esse imaginário sempre reflete mentalidades coletivas efetivadas em um contexto histórico e espacial.

Em estudos empreendidos sobre o assunto, Castro (1997, p. 167-168) afirma que “o conceito de imaginário, enquanto substrato da imaginação produtora, ou seja, a mediação entre o mundo interior e o exterior, entre o real e o imaginado, supõe a utilização de símbolos, signos e alegorias”. Concordando com a autora, Le Bossé (2004, p. 178) acrescenta que o imaginário “está impregnado de “signos” geográficos mais ou menos sofisticados, compreendendo todas as espécies de representações de lugares e de espaços, que se articulam



de maneira mais ou menos fiel, coerente e eficaz nos discursos identitários”.

Como campo produtor de significação do mundo, Castro (1997) chama a atenção dos geógrafos para a necessidade da inclusão do imaginário nos estudos produzidos por essa disciplina. Segundo suas palavras,

a resposta ao desafio de compreender o mundo em que se colocam os geógrafos requer também considerar a força dos símbolos, das imagens e do imaginário como parte integrante dos conteúdos da disciplina. Constituinte a base das representações que orientam as direções das ações dos homens sobre o espaço, o domínio do simbólico possui um inegável valor explicativo. Mais do que fonte de sobrevivência, a terra é um registro simbólico por excelência e, apesar de a racionalidade moderna ter conquistado os espaços objetivos das relações sociais, as representações permanecem nos dispositivos simbólicos, nas práticas codificadas e ritualizadas, no imaginário e em suas projeções (CASTRO 1997, p. 155-156).

Verificou-se, através do levantamento de dados e da realização das entrevistas, que grande parte do imaginário construído em torno do lugar advém da atração e do fascínio que o garimpo desperta na imaginação das pessoas. A Igreja do Rosário foi edificada em uma área antes ocupada pela mineração: as *Lavras do Sutíl*, descobertas em 1722 e que, segundo o cronista Barboza de Sá (1975), produziu no primeiro mês de exploração 400 arrobas, ou 6.000 quilos de ouro.

A notícia dessas descobertas provocou a corrida de muitos aventureiros para a região. A busca pela riqueza e a atração exercida pelo garimpo estimulou o surgimento de um verdadeiro “imaginário do ouro”, com as minas de Cuiabá se transformando numa espécie de Eldorado. Atravessando os séculos, nas formas de pensar, sentir e sonhar dos cuiabanos, o ouro deixaria suas marcas nos poros da vida e na memória do lugar, revelando que toda formação social e histórica é também uma construção simbólica no imaginário das pessoas. Compreende-se desse modo que a população cuiabana percebe sua



cidade de acordo com os seus sentimentos, criando em seu imaginário uma representação do lugar.

Nas entrevistas realizadas, muitos devotos relataram que, quando crianças, nas imediações da igreja e mesmo no centro da cidade, nas enxurradas das chuvas era comum sair às ruas à procura de pepitas de ouro usadas como moeda de troca no comércio local. No imaginário popular corre a lenda de que nos subterrâneos da Igreja do Rosário existe muito ouro escondido e que só os padres jesuítas sabem a localização desses tesouros. Sobre a disseminação e subsistência dessa crença de que os religiosos ocultam riquezas imensas nas entranhas da igreja e que fascinam o imaginário das pessoas, Padre Moura esclarece que

Nós temos no garimpo uma imaginação fértil. E como essa região nasceu de garimpo, e viveu do garimpo muito tempo, então nós temos uma quantidade bem grande de lendas. É que o povo inventa além daquilo que se vive. O povo tem, vamos dizer assim... uma “animação”, uma “empolgação” com o lugar, e daí nascem então muitas lendas. [...] Dizem que só os padres é que sabem a entrada para os tesouros da igreja, que tem uma entrada “disfarçada” na parede. Bom, os padres chegaram aqui em 1948, já tinha passado todo o movimento das irmandades. Então, porque é que puseram o nome do padre aí dentro? Se houvesse alguma coisa seria dos garimpeiros ou das irmandades, mas não do padre, que só tomou conta da paróquia em 1948 (Padre José de Moura e Silva, 82 anos).

As numerosas lendas e mitos sobre as riquezas escondidas na igreja permanecem na memória coletiva como um mistério ainda não desvendado. Os fatos passam de boca em boca e atravessam gerações, evidenciando ser esse um importante instrumento do grupo na sua legitimação e ligação afetiva com o lugar. Infere-se que essa é uma percepção diferenciada para os devotos, que torna esse lugar mais importante para o grupo do que para outros grupos ou indivíduos que residem na cidade de Cuiabá.



Claramente associada a esse “imaginário do ouro”, também as imagens dos santos são descritas pelos devotos como ricamente ornadas e paramentadas com objetos de ouro em épocas passadas:

Esse santo aqui era um santo muito rico. São Benedito tinha onze resplendor de ouro. Uma pessoa lá em São Paulo falou pra nós que tá num museu. Nossa Senhora do Rosário tinha um rosário desse tamanho de puro ouro. Senhor Divino do [Distrito do] Coxipó do Ouro tinha uma pomba desse tamanho, que meus familiares é que deu o ouro, e fez a pomba de ouro. Quêdê? Pra donde que foi? (Benedita Auxiliadora, a Betinha, 71 anos).

Como “todo imaginário social é também imaginário geográfico, porque, embora fruto de um atributo humano – a imaginação – é alimentado pelos atributos espaciais, não havendo como dissociá-los” (CASTRO, 1997, p. 178), levantou-se que a mais significativa das lendas referenciadas no imaginário coletivo cuiabano e que envolvem o lugar, é a da Alavanca de Ouro, uma mina existente nas proximidades da Igreja do Rosário que desabou.

Entendendo que na narrativa de uma lenda são expressas uma maneira singular de se ver e entender o mundo, na versão apresentada pelo memorialista Rubens de Mendonça (s.d) é relatado que nos primórdios de Cuiabá escravos pertencentes ao proprietário de uma das minas descobertas nas *Lavras do Sutil*, estavam cavando naquele local, quando observaram um objeto reluzente semelhante a uma alavanca usada na prospecção e que estava direcionada para dentro do terreno. Por ordem do senhor ambicioso e prepotente, foram obrigados a perseguir a alavanca, trabalhando sem cessar sob o sol escaldante. Entretanto, quanto mais eles cavavam, mais ela se aprofundava, até o dia em que a mina desabou soterrando os mineradores, escapando apenas um escravo que, meses antes, havia socorrido uma índia idosa e esquelética da morte, a profetisa desses acontecimentos.

Na literatura encontrou-se a informação de que “o desastre do desabamento de uma rica mina de ouro neste local, pelo que se sabe, ocorreu mesmo. [...] Surgiu daí a lenda. O buraco, que ficou como testemunha do fato, existiu até pouco tempo próximo da Igreja do



Rosário” (LOUREIRO, 2006, p. 148). Diante dessa informação e entendendo-se que o grupo constrói sua realidade na articulação entre o real e o imaginário presente no lugar, buscou-se por referências desse local. Dessa forma, conseguiu-se levantar nos documentos pesquisados e nas entrevistas realizadas o local que teria dado suporte à lenda da Alavanca de Ouro: a bifurcação da Avenida Coronel Escolástico², onde foi construída uma singela praça, no local anteriormente conhecido como “buracão”, uma mina que, em tempos pretéritos, fornecia água cristalina à população, aterrada na década de 1970.

Entende-se, portanto, que nos processos de percepção, elaboração e atuação de uma realidade simbólica e material o ser humano é uma peça fundamental. Então, se existe um imaginário coletivo construído em torno do lugar no qual os devotos de São Benedito se identificam, é porque ele apresenta um sentido, um valor simbólico para o grupo. Seguindo-se esta lógica, evidencia-se que o reconhecimento desse imaginário contribui para a compreensão do lugar, dos processos que constituíram seus signos e da identidade do grupo que nele se reconhece. Ao narrar e reproduzir as lendas e histórias fabulosas que as pessoas carregam em seu imaginário, o grupo reforça o vínculo e a afetividade para com o lugar. Assim, se o estudo e interpretação desse imaginário torna-se um elemento necessário “para a construção do conhecimento, a geografia, nada inocente no assunto, deve mobilizar seus recursos intelectuais para participar dessa tarefa” (CASTRO, 1997, p. 156).

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de uma abordagem cultural em Geografia, a pesquisa demonstrou que a Igreja do Rosário, na área urbana de Cuiabá, constitui um lugar que apresenta uma forte diferenciação em relação a outras formas simbólicas espaciais existentes na cidade, apresentando uma identidade marcante, importante referência para se compreender atitudes e comportamentos de uma parte significativa de seus moradores: os devotos de São Benedito que compartilham crenças e práticas religiosas.

Sob tal perspectiva, embora o orago-mor do templo seja Nossa Senhora do Rosário, a igreja é constantemente referenciada

² Situada a 300 metros da Igreja do Rosário.



pelos devotos e pela população em geral como sendo de São Benedito, o que permite caracterizar esse lugar como um elemento primordial na base da identidade do grupo que nele vive e se reconhece, uma vez que este criou raízes e um sentimento de apropriação desde sua origem. Nesse sentido, a perspectiva que o devoto tem de viver e de pertencer a este lugar possibilita um sentido e uma segurança que orienta sua existência em suas relações cotidianas, afetivas e espirituais, gerando um sentimento de continuidade temporal e de permanência espacial.

Constatou-se que a estruturação da pertença não inclui apenas os elementos que permitem uma mediação com o transcendente. Ele é evidenciado também nas redes de sociabilidade e solidariedade que são estabelecidas na igreja, o que permite ampliar os vínculos de amizade e parentesco que se tornam cada vez mais sólidos, e no imaginário construído em torno do lugar. São fatores que demonstram que este é um espaço vivo e dinâmico, que comunica e traz consigo uma forte carga simbólica transmitida por valores e práticas cujo conteúdo só pode ser compreendido se decodificado, uma vez que estes conferem um sentido e uma inteligibilidade ao grupo, nem sempre explícitos ou perceptíveis para todos que partilham o espaço urbano.

As marcas produzidas na paisagem também são elementos que caracterizam a afirmação e o pertencimento, pois essa paisagem apresenta em sua composição elementos de diversas temporalidades que solidificam a história e o reconhecimento, estimulando memórias e percepções que são sempre destacadas de forma positiva pelo grupo. Por outro lado, a devoção a São Benedito é sempre ressaltada como um dos traços que traduzem o jeito de ser e de viver dos cuiabanos, uma relevante manifestação do sagrado que é assumida por muitos dos habitantes da capital do estado de Mato Grosso como parte de suas vivências cotidianas.

V FONTES ORAIS

Benedita Auxiliadora, a Betinha, 71 anos. Entrevista realizada em 04/06/2010.

Benedita Duarte de Souza, a Sinhá, 74 anos. Entrevista realizada em 25/05/2010.



João Félix do Nascimento, 69 anos. Entrevista realizada em 23/06/2010.

Padre José de Moura e Silva, 82 anos. Entrevistas realizadas em 19/05/2010 e 20/07/2010.

VI REFERÊNCIAS

BARBOZA DE SÁ, Joseph. **Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos**. Cuiabá: EdUFMT, 1975.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CASTRO, Iná Elias de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.).

Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155-196.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **Geographia**, Revista da pós-graduação em geografia da UFF, v. 9, n. 17, p. 7-17, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/212/204>>. Acesso em: 01 jul. 2010.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.).



Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004. p. 157-179.

LOUREIRO, Roberto. **Cultura mato-grossense:** festas de santos e outras tradições. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

MENDES, Marcos Amaral. **Festa de São Benedito:** materialidade da fé e identidade do povo cuiabano. 2008. Monografia (Especialização em Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento Regional: aspectos conceituais e tendências) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

_____. **Identidade e território:** estudo sobre a devoção a São Benedito em Cuiabá – Mato Grosso. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

MENDONÇA, Rubens de. **Ruas de Cuiabá.** S.l.: s.e., s.d.

RANGEL, Luciene Castro; ROCHA, Valéria Cristina da Silva. O rasqueado e a identidade mato-grossense. **II Semana de Ciências Sociais**, Cuiabá, UFMT, p. 51-56, 21 a 25 de setembro, 2009.

Disponível em:

<http://www.followscience.com/library_uploads/bcfe24528f72d236cd60d3e508f526f1/454/o_siriri_na_contemporaneidade_reflexoes_sobre_a_danca_no_festival_de_cururu_e_siriri_de_cuiaba.pdf>.

Acesso em: 01 jul. 2010.

ROSENDAHL, Zeny. A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo. **Geoworking papers**, Universidade do Minho, Departamento de Geografia, p. 1-14, 2008. Disponível em:

<<http://193.137.91.100/ojs/index.php/geoworkingp/article/view/44/416>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

_____. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.).



Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 187-224.

_____. **Espaço e religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____. **Hierópolis:** o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a.

_____. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b. p. 231-247.

_____. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações geográficas:** percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119-153.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, José de Moura e. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito:** guia de visitação. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

